

Isabel Nery

«Poema Zen»

*As palavras não fazem o homem  
compreender,  
é preciso fazer-se homem para entender as  
palavras.  
Herberto Helder*

**S**empre de braço dado com a puta da ironia, a minha morte chegou a roçar o dia do meu nascimento, em uma gaiata manhã de primavera.

Podeis pensar que morremos, e pronto. É o destino comum – talvez o único destino comum – da humanidade. Para quê tanto barulho, então? Bom, só há barulho porque ainda cá estou. Caso contrário, seria só o

silêncio. O branco. A solidão, esse lugar insuportável.

Mas, recuemos ao princípio do fim que tinha tudo para ser definitivo. A minha cabeça explodiu em umas vésperas de Páscoa, simbolicamente tempo de sofrimento. Mas também de renascimento.

Comecemos pelo sofrimento: não sei bem o que dizer-vos sobre ele, porque perdi as palavras. Perdi-me de mim. Da vida e do sentido que pensamos poder dar-lhe. Só muito depois me foi dado saber que a dor vinha de um ducto sanguíneo que tinha estoirado dentro do meu crânio. Mas esse conhecimento, toldado por um cérebro a boiar em sangue, só veio tarde. Demasiado tarde para uma mente insaciável como a minha.

Vivi semanas sujeita à ignorância do ponto de partida da minha morte. Talvez por isso tenhamos ficado só eu e ela: a morte. Talvez por isso tenha precisado de lhe falar. É que, compreendam, não se consegue falar com mais ninguém sobre a morte senão com a própria.

Primeiro porque a maioria dos mortais foge até da palavra. Depois porque a única coisa

que entendemos dela é que é o contrário de vida. Desconhecemos o que é a morte por ser "impossível vivenciá-la de um modo pessoal".

Não sabemos quem é, nem quando vem. Só sabemos que vem. Não sabemos se entra pela porta grande ou por uma exígua fresta. Só sabemos que vem. Não sabemos se se faz anunciar ou se chega de supetão. Só sabemos que vem. Não sabemos se nos vai dar espaço para despedidas ou se zomba de pieguices. Só sabemos que vem.

E eu fiquei zangada por me ter chegado, assim, aos 37 anos, sem se fazer anunciar. Nem me deixar ser piegas.

Se há coisa de que a maioria dos defuntos – ou candidatos a defuntos – se pode gabar é de franqueza de sobra. Na hora que nos está destinada, deixamos de precisar de metáforas, bravatas ou embelezamentos. Para que atalhos e meneios? Antes ir direta à fonte. É como nos ensinam no jornalismo: se podes falar com Deus, evita os anjos.

É certo que a minha morte veio pela mão do Diabo, mas para efeitos de poder vem a dar no mesmo. Tinha de ir direta à fonte.

Por um lado, sabia que era toda poderosa – e definitiva. Por outro, tinha de dar luta. Que é lá isso de se abeirar sem aviso nem convite!

Tentei desconvencê-la. Dispus-me a diálogos entre mim e a dona da foice.

— *Então, esta não tomba?*

— *Não era agora. Não era já!*

— *Quem disse?*

— *Está demasiado concentrada em viver.*

— *E então? Se esses fossem intocáveis não tínhamos nada para fazer.*

— *Não. Mas são mais imprevisíveis. Se queres mostrar serviço depressa, escolheste mal.*

— *É o que vamos ver. Quantos incompetentes temos para terminar o que nós começamos? Quantos amargos, quantos loucos de Deus, quantos vingadores do seu próprio fel?*

— *É de olhos fechados. Mas, para esta quanto mais difícil for, mais argumentos lhe dás.*

— *Deixamos entrar a megera. Disfarçada de profissional, enfeitada de branco puro, fingida de segura, assertiva de meter medo. Despacha isto num instante.*

— *Já vi que andas distraído. Ainda pode fazer muita coisa. Quer fazer muita coisa.*

— *Se isso fosse critério...*

— *Pois não, mas é argumento. Já que não resolveste o assunto à primeira como era da tua competência, dá-lhe outra oportunidade.*

— *Tem filhos pequenos, blá, blá, blá. Querem ver que agora te comoves com órfãos!? Onde estavam essas ralações quando despachaste o miúdo de seis anos na semana passada. Pais lutadores, miúdo inteiro até ao fim. Sábio a lidar com o sofrimento.*

— *À falta de o poder salvar, foi o melhor que pude arranjar.*

— *Por que é que esta há de ser mais do que ele?*

— *Porque se está a aguentar. Porque te topou. Tens de admitir que também falhas.*

— *Eu nunca falho. Só adio.*

Pois, falhar é para os vivos. Ou melhor, para os mortais. Dirão, é a mesma coisa. Mas, vão por mim, não é bem. Quem se ocupa do matar tem a atividade mais perfeita de todas, imune a tempo, espaço ou geografias. Invencível.

Mas prometi-vos ironia, e não era só uma figura de estilo. Às vezes imagino-as, à morte e à ironia, com um sorrisinho de esguelha, manhosas, a rirem-se à minha custa. Que alguém ria, ao menos.

Seis meses antes do Acidente Vascular Cerebral (AVC) que nunca imaginei para o meu destino, tinha escrito uma grande reportagem sobre AVC em pessoas jovens, publicada na *newsmagazine* portuguesa onde então trabalhava como jornalista, a Visão.

Entro no serviço de urgências aos ziguezagues, comandada por um cérebro bêbado de glóbulos vermelhos em fuga, e digo, cheia daquela certeza só confiada aos pré-defuntos: **Estou a ter um AVC!**

Divido agora as culpas entre o conhecimento adquirido à custa de muita pesquisa, entrevistas e reportagens e a minha intuição. Munida desses dois aliados que sempre gostei de acarinhar – o conhecimento e a intuição – achei-me no direito de fazer o meu próprio diagnóstico.

Pecado capital, esse de pensar que conhecia o meu corpo e que podia usar a minha mente (ou o que restava dela) para juntar todas as peças de conhecimento com que

me cruzara até aí. A senhora de bata branca (desculpem, mas tenho demasiado respeito pelos médicos para lhe chamar isso) ficou tão ofendida com o facto de eu lhe dizer o que tinha, em vez de esperar pelo seu veredito, que distribuiu ralhetes e me mandou para casa algumas horas depois, com um pacóvio diagnóstico de enxaqueca. Não me tinha em pé. Não via o caminho. Não era eu. Não passava de um molho de ossos (mal) articulados.

Não passara de um episódio de urgência. Um número. Ando há dez anos a chafurdar nas palavras em busca de um sentido para a minha morte prematura e já topei com muitas possibilidades, mas continuo sem conseguir nomear os atos desta pessoa. Maldade? Incompetência? Arrogância? Ignorância? Vão por mim, o dicionário não tem esta palavra. Talvez porque não devesse existir no mundo alguém que, sendo pago para nos salvar, dá a mão ao diabo para juntos, desferrarem o último banano ao moribundo.

É verdade, mesmo quem tem sempre verbo para tudo, como os escritores ou os jornalistas, pode ficar sem palavras, esses

códigos em busca de tradução para o ser humano. Há códigos indecifráveis. Acontece com a morte de um filho. Temos fala para os que perdem os pais (órfãos), para os que perdem os maridos (viúvos), mas não para os que ofendem o sentido da vida partindo na ordem inversa.

O que eu sabia, porque tinha aprendido com a dita reportagem, era que 70% das pessoas que sofrem um AVC hemorrágico como o meu, zás!, morrem. Das outras 30, uma percentagem importante fica incapacitada para a vida. Aqueles, poucos, a quem calha em sorte sobreviver são amparados pela ciência e pela modernidade. Com comprimidos que evitam novas hemorragias (medicamento a ser utilizado até quatro horas depois dos primeiros sintomas, a que eu não tive direito). E com recomendações médicas: imobilização total para evitar novos vazamentos.

Reparem como em menos de 24 horas tive a morte a cuspir-me nas ventas. Uma e outra vez. Primeiro por dentro, no centro de comandos que é o cérebro. Depois por fora, pela mão de uma serviçal da medicina.

Graças àquela que não consigo nomear, em vez de ajudas à sobrevivência, eu tive ajudas à morte. E à dor.

O sangue clandestino andou a monte no meu cérebro sem ninguém o deter. Só cinco longos dias depois chegaria o diagnóstico correto que me importaria uma estada de quase duas semanas em imobilização total em uma Unidade de Cuidados Intensivos, rodeada de pessoas apatetadas, incapazes de levar o garfo à boca. Ignorantes do seu próprio nome ou idade. Nem mortos. Nem vivos.

Há coisas que o ser humano não pode suportar. Mas aguenta. Ou talvez não. Como o alfabeto me falha, sobram-me as imagens. Esfreguei tanto a minha cabeça para aliviar a dor que deixei a testa em ferida.

A verdade é que tamanho tormento me fazia desejar a morte. Esperta que ela é! Sempre a roer-nos por dentro, sempre competente no seu ofício de atirar a vida pela escada abaixo.

Comecei por enjeitá-la, mas acabei capaz de a encolar. Aliviava-me pensar como Sêneca (p. 58): "Se algo te impede de viver bem, nada te impede de morrer bem". Afinal, é esse o apelo daquela que "se não deixa boca para

rir, também não deixa olhos para chorar", Machado de Assis (p. 127).

Com ela, tudo se acaba – até o mal.

Por muita vida que me estrebuchasse no peito, por muita luta que estivesse disposta a dar, a última palavra era dela. Assim se mede o poder. Assim nos subjugamos a quem o detém.

O diagnóstico de derrame cerebral causado por Malformação Arteriovenosa (MAV) – um erro da genética que acontece a menos de 1% das pessoas – só chegaria duas semanas depois. No dia do meu aniversário.

Reparem: no dia em que nasci íamos saber se tinha direito a viver.

Façamos um ponto de situação: devia ter morrido, mas aguentei-me; devia ter sido salva por uma médica, mas ela preferiu ser acolita de carrasco; devia estar a celebrar o meu 38º aniversário e fiquei acantonada nos festejos da minha não morte.

Era tudo tanto.

Restava-me entregar àquele único aliado do adiamento: a ciência. Deixei-a fatiar-me o corpo. Primeiro para sabermos por quais corredores (artérias) tinha tentado entrar a minha morte, depois para selar a porta (vaso

roto) e garantir que por ali não voltaria a arrombar a minha vida.

Deixei que se julgasse o micróbio em vez da culpa. Porque culpa eu não tinha nenhuma (não havia tabaco nem álcool a mais que justificassem o meu destino). E porque nem a saúde, nem a doença se medem já pela fita métrica do pecado.

Foi assim porque não precisamos de estar doentes para morrer, basta estarmos vivos.

Seja qual for o caminho escolhido, acabo sempre a topar com a ironia. Mas também sei que isso nada tem de exclusivo. A ironia é a vida, afinal. Senão, repare-se em Jorge Luis Borges, aquele que, nomeado diretor da biblioteca Nacional da Argentina, em 1955, se torna o responsável por um milhão de livros - depois de ficar cego.

Talvez por sempre ter imaginado o paraíso como uma espécie de biblioteca, o escritor argentino conseguiu encontrar sentido para a sua desgraça. A desgraça de alguém a quem Deus, na sua esplêndida ironia, deu livros e cegueira de um só golpe.

Borges não só aceitou o seu destino – e a ironia que lhe estendeu –, como aproveitou

o instrumento: "Perdi o mundo visível, mas vou recuperar outro" (p. 380).

Sim, para um criador, a doença pode ser instrumento. "Sempre soube que me iam acontecer coisas boas e coisas más, mas que, no final, tudo seria convertido em palavras. Especialmente as coisas más, já que a felicidade não precisa de ser transformada: a felicidade é o seu próprio fim".

Só o sofrimento é transformador.

Tudo o que acontece, acredita o escritor, incluindo humilhações, vergonhas, azares, "tudo foi dado como barro, como material para a nossa arte".

Abençoados os que fazem da morte vida. Vulgo, criadores, os únicos que nunca morrem.

Quando me fui, ainda não conhecia o texto "Cegueira". Só sabia o que estava a perder, não o que poderia ganhar.

É certo que a TAC (Tomografia Axial Computorizada) permitiu concluir que o sangue invasor tinha perdido poder. É certo que podíamos finalmente perceber a raiz do mal. É certo que reconquistara a esperança de ver os meus dois filhos, então com apenas 4 e 7 anos, crescer.

Falta um detalhe. Aquele onde, garantem alguns, se costuma esconder o chifrudo.

Nunca vos devem ter dito que a sobrevivência também dói. Mas, caros leitores, é tudo tão fácil de julgar até nos acontecer a nós.

Sujeitaram-me a uma intervenção com raio *laser* que pretendia tapar o vaso sanguíneo insubordinado. Para tal, aparafusaram-me (literalmente) um quadro metálico à cabeça, garantindo que não me movia e que a pontaria seria certa.

Fiquei eu e o medo.

"Medo. Um corpo iluminado por *pantoff* é sempre um confronto do mortal consigo próprio. Obriga a encarar o espelho nesse mesmo plano do destino a que pertence a vida e o seu fim.

Admitimos que somos mortais, mas sentimo-nos arrogantemente imortais. Viver no século XXI significa recriar a finitude ao ponto de temer-se até nomeá-la. É uma estranha e fomos educados para ter medo de estranhos. Fomos mal-educados. O desconhecido é a aventura de viver. A morte, certa.

Em um bloco operatório, somos estrangeiros à porta da fronteira, uma daquelas por onde a maioria de nós passará, mais tarde ou mais cedo. Em 1981, 77% dos doentes com mais de 80 anos faleciam em casa. Hoje essa taxa baixou para os 33%. Impõe-se um final institucionalizado, organizado, distante.

Tenho inveja dos hospitais pediátricos, onde a cor foi integrada como parte do tratamento. Aqui, entregam-me ao metalizado dos instrumentos, ao verde das batas e ao branco das luzes. É tudo." (Nery, 2011)

No hospital, deitados em uma maca ou em uma cama articulada, deixamos de poder olhar para o céu. Só há teto para contemplar. Reduzem-nos a existência a sacos de plástico. Obrigados a ver como se alinham os nossos destroços, ensacam-nos a vida em embalagens transparentes.

A roupa em sacos de plástico. A mala em saco de plástico. As botas em saco de plástico. O relógio. Os brincos. A aliança.

Estava viva ainda agora...

E ainda não acabaram de ensacar-me. Papel e caneta. Também querem espoliar-me deles. Não deixo.

Diz que tudo correu pelo melhor, e assim anotei no caderno que insisti em levar comigo para dentro da máquina de ressonância, apesar do nariz torcido e dos sobrolhos franzidos dos técnicos. Os hospitais preferem as drogas, mas o meu paliativo está na ponta dos dedos. Obriguei-os a aceitar essa verdade da (minha) vida. Fiz bem. As minhas palavras estavam em carne viva. Tinha de as grafar para sobreviver.

Das anotações da minha morte nasceriam, nos anos que se seguiram, variadas criações: uma reportagem e uma exposição chamada "Vida Interrompida", para a qual escrevi a crônica "Medo", transcrita acima, um livro de ensaio, "Chorei de Véspera", um filme da adaptação desse livro, "Ensaio sobre a Morte", e muitas conferências, tanto em Portugal como no estrangeiro. Não poderei dizer que a minha morte foi rentável, porque pouco ou nenhum pecúlio me retornou. Mas, permitam-me concluir que a minha morte foi muito produtiva.

Digamos que assumi a responsabilidade de estar viva.

Senão, repare-se neste texto que agora podem ler, escrito já passada uma década sobre o privilégio de ter morrido.

Mas, dizia-vos há pouco que a sobrevivência também é dolorosa, e assim foi. Depois do túnel e da cabeça aparafusada, não houve boas notícias definitivas. Teria de esperar dois anos até saber se realmente havia conquistado o direito a adiar o fim.

"Vinte e quatro meses. Setecentos e trinta dias instalada na doença. Um tempo assim, com a consciência permanente de estar entre a vida provisória e a morte definitiva, parecia-me infinito. Sabemos que a morte é uma atividade de todos os dias, mas andar com ela no regaço, sem saber se a encolamos ou a escorraçamos, sempre a ver quem ganha, é um carregamento que pode afundar" (Nery, 2016).

Quem nos salva da sobrevivência, afinal? Não estive apenas doente – também morri. E é difícil voltar depois de morto. O regresso é um lugar de solidão.

De tempos a tempos seria obrigada a confirmar se estava autorizada a viver. Ainda

a abeirar-me dos 40, fico a saber que podem não chegar a cobrar-me os juros da velhice.

Teria de descobrir como seria agora a vida com data de validade. Seria outra, isso vos garanto.

Sempre com o tempo à espreita. Demasiado consciente do *tic-tac* dos ponteiros. Obrigada a pensar no que já tinha gasto e no que fazer com o crédito que achava merecer. Precisei de Sêneca: "Podes indicar-me alguém que dê o justo valor ao tempo, aproveite bem o seu dia e pense que diariamente morre um pouco? É um erro imaginar que a morte está à nossa frente: grande parte dela já pertence ao passado, toda a nossa vida pretérita é já do domínio da morte!" (p. 1) Aprendi com Sêneca: "Ninguém se julga na obrigação de justificar o tempo que recebeu, apesar de este ser o único bem que, por maior que seja a nossa gratidão, nunca podemos restituir" (p. 2). Chorei com Sêneca: "A morte aproxima-se de ti. Ela seria, de fato, temível se pudesse estar sempre contigo" (p. 8).

É que ela agora estava sempre comigo.

Ou eu sempre com ela. Lá do outro lado da vida, onde podemos confessar tudo, ao jeito de Machado de Assis. Humildes, como

Montaigne. "Não vale a pena pormo-nos em andas porque, mesmo em cima delas, precisamos das pernas para andar. E, mesmo no trono mais alto do mundo, continuamos sentados em cima do nosso cu."

Quando tudo se apagou, restou-me a música, a única arte que a minha mente não enjeitava. Só aos poucos fui recuperando a capacidade de ler e de escrever. Nessa altura, virei-me para a literatura. A ela devo a minha salvação. Se não aquela que dependia do conhecimento científico e da capacidade de desimpedir os meus vasos sanguíneos, pelo menos aquela que dependia da minha sanidade. Como diz José Cardoso Pires, pode não haver tratamento científico, mas há sempre tratamento literário. Sem ele, não aguentaria este braço dado com a morte.

Nem sequer é uma originalidade. "Se tivesse apenas uma hora para viver escolheria a escrita como artifício contra a morte", escreveu Roger Pol Droit. Tratou-se, sim, de uma necessidade imperiosa. Escrever como forma de encarar o medo do mal. O medo do fim. Por isso, pude concluir como o filósofo francês: "Levei muito tempo a compreender

que é assim, que não há nada a compreender e há tudo a sentir".

Por ali estive, cheia de saudades da vida.

Primeiro convencendo-me de que aquela bata branca (a que recuso nomear) era a mão do diabo. Mas depois... Sabem, nem o diabo nasceu diabo. Começou por ser anjo. A rebeldia só veio depois (e eu sempre tive um fraquinho por rebeldes). Até que, por fim, é escorraçado do céu para o abismo. Talvez o mundo fosse diferente se em vez de o expulsarem lhe tivessem dado a mão.

Nas minhas cogitações de enferma, percebi que tem razão Camus (p. 37): "A morte para todos, mas para cada um a sua morte". Sim, terei de morrer como toda a gente (que falta de originalidade, caramba!)

A minha morte quase me matou. Dizem-me que fui corajosa. Não tive escolha. A não ser que para viver seja preciso coragem...

Questiono-me, como Manuel António Pina: **Serei capaz/de não ter medo de nada,/ nem de algumas palavras juntas?** Aprendi que pensar demasiado na vida também nos mata, mas nem por isso estou disposta a sair dela às escondidas.

Decidi que aquela não seria ainda a minha morte. Se cada um tem direito à sua, teria de esperar pela minha. Como toda a gente.

## BIBLIOGRAFIAS

- Ariés P. História da Morte no Ocidente. Lisboa: Teorema; 2010.
- Assis M. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Lisboa: Guerra e Paz; 2016.
- Bloom H. Génio. Lisboa: Círculo de Leitores; 2014.
- Borges JL. Blindness. In: Lopate, Phillip. The Art of the Personal Essay. New York: Anchor Books; 1994.
- Camus A. O Aveso e o Direito. Lisboa: Edições Livros do Brasil; 1951.
- Didion J. O Ano do Pensamento Mágico. Lisboa: Gótica; 2006.
- Droit RP. Se me Restasse Apenas uma Hora para Viver. Lisboa: Planeta; 2012.
- Droit RP. Voltar a Ler os Clássicos. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores; 2011.
- Herrigel E. Zen e a Arte do Tiro com Arco. Lisboa: Assírio e Alvim; 2007.
- Lewis H. Death, Lapham's Quarterly. New York Outono. 2013;VI(4).
- Miguéis JR. Um Homem Sorri à Morte com Meia Cara. Lisboa: Estúdios Cor; 1957.
- Montaigne M. Da Experiência. In: revista Crítica de Ciências Sociais. 1993(37).
- Nery I. Chorei de Véspera - Ensaio sobre a Morte por Amor à Vida. Lisboa: Esfera dos Livros; 2016.
- Nery I. Vida Interrompida (Catálogo). Cascais: Câmara Municipal de Cascais; 2011.
- Pires JC. De Profundis Valsa Lenta. Lisboa: Planeta De Agostini; 2001.
- Real M. Manifesto em Defesa de Uma Morte Livre. Lisboa: Edições Parsifal; 2015.
- Santo A. Confessions. Oxford: Oxford University Press; 2008.
- Santo A. Diálogo sobre a Felicidade. Lisboa, 2007;70.
- Schneider M. Mortes Imaginárias. Lisboa: Livros Cotovia; 2011.
- Sêneca LA. Cartas a Lucílio (5ª ed). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2014.
- Tolstói L. A Morte de Ivan Ilitch. Lisboa: Leya; 2008.
- Tolstói L. A Terra que um Homem Precisa. Lisboa: Padrões Culturais Editora; 2011.
- Wissen G. Tod – Vom guten Umgang mit dem. GEO Wissen, Deutschland; 2013.